

23 NOV 1989

Um alerta

O staff do candidato Collor de Mello rejeitou publicamente o apoio da Fiesp, a entidade líder do empresariado brasileiro. O candidato Luiz Inácio Lula da Silva obviamente faria o mesmo, se houvesse a hipótese do apoio.

O que está acontecendo com os empresários do País? O que há de errado com eles? Por que o mais influente estrato social do País é dispensado pelos dois únicos candidatos a presidente da República?

De plano, e antes de qualquer análise, resulta óbvio que está errada, gravemente errada, a sua estratégia de comunicação social. Ou, em outras palavras, está errada a ausência de uma estratégia de comunicação social. Um dos dois fatos é responsável pela lamentável constatação de que o empresariado do País perdeu a condição política que sempre teve e tem, o dever de continuar tendo, por força da sua vasta responsabilidade social.

Os empresários têm permitido, mais acentuadamente nos últimos anos, que a eles se debite o ônus da crise vivida pelo País, onerando-os com dívidas que efetivamente não são suas. O estrato social mais esclarecido do País sabe que vivemos a crise do Estado não a crise da livre iniciativa. É a crise do Estado — da má gestão da coisa pública, da falência financeira do Governo, do fisiologismo intrínseco à atividade política, da escassa moralidade dos procedimentos públicos — que gerou a aparente disfunção do capitalismo no plano da sua responsabilidade social.

O empresariado tem o dever político de reverter o quadro psicossocial adverso que, por força talvez de omissões, vem

contribuindo para formar dele imagem imprópria e perigosa. O destino da livre iniciativa no País depende da capacidade que tiverem os empresários de mostrar que os erros não são seus, ou não são predominantemente seus. Depende da sua capacidade de reconquistar um papel proeminente no processo social do País.

Esse é um dever político, como assinalamos. A sociedade brasileira estará condenada ao desastre político se os agentes da livre iniciativa continuarem sofrendo o desgaste que o Governo lhes impõe. Há visivelmente no País uma luta entre a burocracia e a sociedade. Aquela impõe a esta crescente e inaceitável redução de poder, porque, em essência, toda luta é uma luta pelo poder. Os empresários, em defesa da permanência dos valores fundamentais da Nação brasileira, precisam empenhar-se na sua própria defesa, porque eles são o lado mais visível da nossa forma de organização social e econômica. Devem defender-se rejeitando o ônus injusto que os onera e o debitando a quem de fato deve.

Desde o Plano Cruzado, quando presenciemos populares fechando as portas de supermercados, já se podia constatar o fenômeno da imagem desgastada que agora é muito mais visível. De lá para cá, a despeito da lição e da advertência, o empresariado não se movimentou, preferindo, com imprevidência, deixar que o processo seguisse seu curso.

É preciso, com toda urgência, iniciar-se uma nova política de comunicação social destinada a clarear esse cenário obscuro em que nos metemos. É preciso também que os empresários façam a autocrítica. Quem sabe não terão também uma parte da culpa?